

Reflexões sobre um cartaz das manifestações de junho a partir do paradigma materialista¹

Tatiani Daiana de Novaes²
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR
Instituto Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Este artigo tem como objetivos: apresentar as jornadas de junho de 2013 e seus cartazes de protesto como processos comunicacionais; discutir o paradigma teórico materialista; refletir sobre a concepção sociointeracionista da linguagem e sobre o método sociológico de Bakhtin e analisar um cartaz de protesto. O método sociológico bakhtiniano de análise discursiva leva em consideração três aspectos: o conteúdo temático, estilo e construção composicional. A partir da análise, percebeu-se que as práticas comunicacionais – neste caso, o cartaz de protesto- retratam o momento histórico, social e político, além disso, refletem a ideologia do Movimento Passe Livre.

Palavras-chave: práticas comunicacionais; cartazes de protesto; análise do discurso.

As jornadas de junho de 2013 e os cartazes de protesto enquanto objeto de estudo da comunicação

Este artigo tem como objetivo investigar como se dá o funcionamento discursivo do cartaz de protesto presente nas manifestações de rua de junho 2013. Essa reflexão tem grande relevância para os estudos da Comunicação uma vez que as manifestações de junho de 2013 são consideradas um processo comunicacional que marcou a história do país. Devido ao limite de espaço, não será possível analisar as jornadas de junho como um todo, então, optou-se por fazer um recorte: a análise de um dos cartazes que esteve presente em várias manifestações.

Refletir sobre os processos comunicacionais, ou seja sobre o cartaz de protesto, é compreender o tempo presente, a sociedade, os sujeitos e as relações de poder que os

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Instituto Federal do Paraná, doutoranda do curso de Comunicação e Linguagens na UTP, membro do grupo de pesquisa Jor XXI na UTP e bolsista da Capes/Fundação Araucária, email: tatiani.novaes@ifpr.edu.br.

cercam. Entende-se aqui, comunicação como um lugar de saber e de poder, sendo importante considerá-la como relação (BARBOSA, 2012, p.147).

Sendo a comunicação e a linguagem fruto das relações humanas e as atividades dos sujeitos vinculados ao uso da língua, é visível a ligação do campo científico da Comunicação com o campo da Linguagem.

Parte-se do pressuposto de que a comunicação e a linguagem são processos sociais dialéticos, construídos por meio da interação, de natureza socioideológica e que não devem ser desvinculados do seu contexto de produção.

Analisar um processo comunicacional vinculado ao contexto de sua produção é levar em conta quem produziu a comunicação, é pensar no papel social desse sujeito, é perceber qual esfera social esse locutor representa, é refletir sobre quais condições ele produziu a comunicação, é descobrir para quem ele comunica, é saber qual é o seu objetivo comunicativo, é compreender o momento histórico-social-ideológico que se deu a comunicação.

“Manifestações de junho de 2013 no Brasil” é o contexto em que está inserido o cartaz de protesto escolhido. O autor do cartaz é o Movimento Passe Livre (MPL) que foi protagonista desse momento histórico.

A redução da tarifa de ônibus na cidade de São Paulo foi a primeira bandeira, o primeiro motivo que levou milhares de manifestantes para a rua em junho de 2013. Trata-se de uma das pautas do Movimento Passe Livre. Obviamente que o movimento não surgiu em 2013, fazendo referência a *hashtag* “o gigante acordou”, há gigantes que nunca dormiram.

Segundo artigo escrito pelo movimento e publicado na obra *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* (2013, p.13-18), tudo começou em agosto e setembro de 2003, com a Revolta do Buzu em Salvador. As manifestações continuaram em junho 2004, com a Revolta da Catraca, em Florianópolis. Em 26 de outubro a prefeitura da capital catarinense aprovou o passe livre estudantil. Nesta mesma época, foi criado o Comitê do Passe Livre em São Paulo.

Em janeiro 2005, aconteceu a plenária de fundação do MPL-Brasil, no V Fórum Social Mundial em Porto Alegre; no mês seguinte houve uma grande luta contra o aumento da passagem em São Paulo. Em junho surgiu a II Revolta da Catraca em Florianópolis e, em julho, as mobilizações influenciaram os manifestantes de Vitória que conseguiram revogar o aumento da passagem na cidade.

Junho de 2006 foi um importante ano para o Movimento Passe Livre porque foi quando aconteceu o encontro nacional. Em novembro e dezembro do mesmo ano houve várias manifestações contra o aumento da tarifa em São Paulo.

Em 2008, mais especificamente em outubro, houve luta na capital federal. A conquista veio em julho de 2009 com a aprovação do passe livre estudantil na cidade. No mesmo ano, São Paulo não estava adormecida, em novembro o movimento ocupou a Secretaria de Transportes e em janeiro do ano seguinte novas manifestações aconteceram.

Os manifestantes de São Paulo continuaram militando de janeiro à março de 2011, o mesmo aconteceu em várias capitais, em agosto as mobilizações revogaram o aumento em Teresina.

Em 2013, as manifestações na região metropolitana de São Paulo ganham corpo e, em janeiro, elas conquistam a revogação do aumento em Taboão da Serra. O mesmo aconteceu em abril em Porto Alegre e, em junho, houve a revogação do aumento em mais de cem cidades.

O Movimento Passe Livre foi, em muitas cidades, apoiado e também apoiou outros movimentos sociais de resistência urbana. A estratégia do MPL é trabalhar de forma articulada, como: os movimentos sem-teto, os movimentos estudantis, os comitês populares da copa, central dos movimentos populares, movimento nacional de luta pela moradia, etc.

Foi em 16 de junho de 2013 que os protestos se espalharam pelo país. Diante disso, o protagonismo do MPL foi diminuindo e as agendas se tornaram cada vez mais difusas: Copa do Mundo, Copa das Confederações, PEC 37, corrupção política, educação e saúde pública de qualidade, entre outras. Neste momento, houve uma disputa nos cartazes de grupos heterogêneos que buscavam efetivação e ampliação de direitos sociais.

O cartaz abaixo é o objeto de análise desse artigo científico.



Imagem1: Cartaz de protesto do Movimento Passe Livre MPL. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292952-passe-livre-poe-faixa-na-marginal-pinheiros-e-anuncia-novo-protesto-em-sp.shtml>>

Um olhar a partir do paradigma materialista

Dentro do universo da Teoria da Comunicação e seus paradigmas: funcionalista, midiológico, culturológico, conflitual dialético, entre outros, optou-se por inserir o objeto de estudo “análise de cartazes de protesto” no paradigma materialista. Não é o objetivo deste trabalho analisar o cartaz de protesto a partir da método marxista intitulado “materialismo histórico e dialético”, a escolha pelo paradigma materialista se justifica uma vez que a base teórica e metodológica usada para analisar o cartaz é o sociointeracionismo discursivo, mas especificamente o método sociológico de Bakhtin inserido na Teoria da Enunciação.

A teoria de Bakhtin tem forte influência do materialismo histórico e do pensamento marxista. Assim, para ambos há centralidade nas relações sociais, na interação do homem com a natureza, na capacidade dos sujeitos de transformarem sua história e no fato de ambos, ao discutirem a sociedade, partirem de indivíduos materializados. “Os pressupostos de que partimos (...) são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por elas já encontradas como as produzidas por sua própria ação” (MARX, 2007, p. 86).

Assim, a análise leva em consideração a comunicação e os discursos como um fenômeno dialógico, a língua como algo vivo e como reflexo das relações sociais de produção.

Discutir a comunicação a partir da perspectiva histórico-social necessita que os sujeitos da comunicação sejam vistos de modo concreto e não empírico e que se assuma a existência de um complexo de relações que os rodeiam. Sabendo da complexidade que rodeia as práticas comunicacionais, Beth e Pross (1987) classificam as mídias em primárias, secundárias e terciárias.

A mídia primária é aquela que não faz uso de aparato além dos instrumentos fisiológicos do ser humano, normalmente, está relacionada à interpessoalidade humana. Neste caso, a comunicação se dá face a face, por meio das expressões faciais, expressões corporais, entonações e gestos.

Já a mídia secundária é aquela em que se faz uso de aparato para emitir a comunicação, porém, o interlocutor não precisa de aparato para receber como, por exemplo, um megafone, o jornal impresso, o grafite, entre outros.

A mídia terciária faz uso de aparatos tanto para emitir quanto para receber a comunicação. Segundo Beth e Pross (1987, p. 170) é possível afirmar:

Ela é entendida como os meios de tráfego de símbolos que pressupõem aparatos do lado do produtor e do consumidor. O quadro pintado e a fotografia pertencem, de acordo com esta divisão, aos meios secundários. São perceptíveis sem aparatos. O filme necessita de um projetor, a televisão requer, ademais, aparatos receptores que permitam a percepção do filme.

Assim, dentro dessa concepção, os cartazes de protesto de 2013 são mídias secundárias.

Tais cartazes são compreendidos aqui não como processos isolados, mas sim constitutivos de realidades históricas, materiais que dialogam com as relações de poder e com os modos de produção da sociedade. Assim, comunicar vai além de informar, é um ato relacional, para Rüdiger (2011, p. 88) “comunicação é um processo que estabelece uma compreensão praticamente mediada entre os homens”.

Segundo Fuchs e Mosco (2012, p. 130), “uma teoria marxista da comunicação vê a comunicação nas relações com o capitalismo (...), incluindo o desenvolvimento de forças e relações de produção, mercantilização e produção de mais-valia, divisões e estruturas de classe”.

O ponto de vista defendido neste artigo é de que as lutas de classe não desapareceram e, a partir de Bakhtin e Volochinov, é possível afirmar que o signo representa tal luta.

a classe pode ter sido abolida retoricamente em muitos textos, mas uma quantidade impressionante de evidência empírica confirma que ela permanece como uma força essencial para modelar a maneira como vivemos hoje. É extremamente irônico que a ‘virada’ teórica pós-moderna, que impulsionou questões de identidade, consumo e diferença para o centro da atenção acadêmica, coincidiu quase exatamente com a revolução neoliberal em diretrizes sociais e econômicas. É fácil ‘pensar que a classe não importa’ se você permanece relativamente ‘não-afetado por privações e exclusões que ela causa’ (MURDOCK, 2009, p. 33).

Diante disso, não há como lançar o olhar para as manifestações de junho de 2013 e para os discursos que as envolve sem refletir sobre: as relações de força, a segmentação da sociedade por classes sociais, a exploração do homem pelo homem, a fetichização da mercadoria, entre outros aspectos.

A reforma urbana e a ampliação de direitos sociais são o foco das jornadas de junho e, no caso desta pesquisa, interessa mais especificamente o direito de ir e vir por meio de transporte público, gratuito e de qualidade, uma pauta do MPL Movimento Passe Livre. O transporte tem um caráter transversal, uma vez que garante o acesso aos demais direitos sociais relacionados aos serviços públicos.

Dentro do ideário do movimento, o trabalhador não tem acesso à riqueza do espaço urbano que, inclusive é ele mesmo quem produz, devido às altas tarifas. Assim, cidade é o local onde se dá a reprodução da força de trabalho. As catracas são os símbolos de discriminação, limitando a circulação dos cidadãos de renda baixa aos espaços públicos. Não tendo renda para pagar transporte para além do trajeto “de casa para o trabalho” e “do trabalho para casa”, sua circulação fica limitada, reforçando sua condição de mercadoria, de mera força de trabalho.

As pautas do transporte público e do espaço urbano dialogam diretamente com o paradigma materialista, uma vez que o transporte é um grande negócio da iniciativa privada com foco na mais valia e na exploração do trabalho alheio.

O carro individual é um objeto de desejo da sociedade burguesa e dos emergentes, assim ele se coloca como uma mercadoria-fetice que simboliza o prestígio social.

Pagar pelo transporte público caro e ruim, ou seja, pagar pelo direito de ir e vir parece “normal” para a maioria dos cidadãos. Submetidos ao contexto em que reina o

capital, os sujeitos internalizam as relações sociais de exploração na forma de representações e as tomam como naturais e imutáveis. Isso é o que Lukács (1969) chama de consciência reificada. Assim como se torna natural o fato de se ter uma classe dominante que garante a ordem e impõe as regras para isso. Na concepção marxista, essa relação que acontece na consciência reificada é a ideologia, ou seja, as relações sociais de produção concebidas como ideias, uma espécie de subjetividade que torna normal a subordinação.

Porém, há momentos na história de tomada de consciência, em que as pessoas passam a pensar que nem tudo é tão natural e saem (alguns sempre tiveram consciência disso) do estado de subordinação. Um desses momentos foi quando o grupo de manifestações do MPL foi para rua no início em junho de 2013 para lutar contra o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo e se deparou com a afirmação de que não seria possível baixá-lo, com a justificativa de que a planilha de custos causaria impactos na inflação.

A afirmação do Fernando Haddad de que a tarifa não iria baixar e a entrada da tropa de choque nas ruas sob a ordem de Geraldo Alckmin potencializaram ainda mais as mobilizações de rua e contribuíram para maior adesão.

Sociointeracionismo e o método Bakhtiniano

Este trabalho parte da concepção sociointeracionista da linguagem e do método sociológico de Bakhtin, pautado na Teoria da Enunciação. Isso significa que será levado em conta o dialogismo, a interação verbal, a esfera social do gênero com viés social e ideológico. Afinal, nas interações sociais e materiais, “palavras são consideradas um fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 36).

Para Faraco (1998, p. 46), ideologia na concepção bakhtiniana é “espírito humano”, uma espécie de cultura imaterial, de consciência social que abrange: a arte, a filosofia, a ciência, a religião, a ética, a política.

Os produtos ideológicos partem de realidades sociais e naturais, estes possuem significados e remetem algo que lhes é exterior, ou seja, é um signo. Segundo Bakhtin (1988, p. 32), “O domínio ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico e tudo que é ideológico possui um valor semiótico”.

Assim, o olhar para o processo comunicacional nesta pesquisa se dará a partir de alguns passos: da análise do conteúdo temático; da análise da estrutura composicional do gênero discurso “cartazes de protesto” e da reflexão a respeito do estilo.

O conteúdo temático não é apenas assunto principal do texto. Trata-se de marcas linguísticas implícitas que se relacionam ao contexto de produção (quem comunica, com quem se comunica, qual o papel social desses sujeitos, quais ideologias perpassam essa comunicação, a partir de quais objetivos comunicativos, inserido em determinado momento histórico), tudo influenciado pela escolha do assunto.

A estrutura composicional são marcas linguísticas explícitas, marcas textuais que são típicas, que normalmente se repetem em textos que são do mesmo gênero discursivo.

Já o estilo são escolhas feitas pelo sujeito que produz a comunicação no que se refere ao léxico, à estrutura frasal, a preferências gramaticais que colaboram para que o sujeito atinja seu objetivo comunicativo.

O que Bakhtin (2004) chama “a ordem metodológica” leva em conta os seguintes aspectos:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN, 2004, p.124).

Em obra posterior intitulada *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin reforça a ideia da ordem metodológica e apresenta os campos da atividade humana, ou seja, as esferas sociais, grupos de pessoas com determinadas vontades enunciativas. Tais esferas sociais inserem a situação comunicativa e os sujeitos em determinado tempo e espaço. Assim, “Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, mas, sobretudo, por sua construção composicional comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são indissolúveis, ligados intimamente, ou seja, ao usar o método, a análise precisa contemplar essa (inter) relação entre os três elementos.

Análise do cartaz de protesto da jornada de junho

O cartaz apresentado no início desse artigo – objeto de análise da pesquisa- foi publicado no jornal “Folha de São Paulo”, versão online, no dia 10 de junho de 2013. Nele há o enunciado “Se a tarifa não baixar São Paulo vai parar!”. A manchete da notícia é “Passe Livre põe faixa na marginal Pinheiros e anuncia novo protesto”.

Diante disso, fica explícito quem é o autor do cartaz, o movimento chamado Passe Livre citado em outros momentos deste artigo. O interlocutor, ou seja, a quem a comunicação se destina, é o governo municipal de São Paulo, que é responsável pelo transporte público na cidade.

Segundo dados da Pesquisa Ibope Nacional realizada em sete estados (SP, RJ, MG, RS, PE, CE, BA), em 20 de junho de 2013 e publicada na obra “Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013”, de Rudá Ricci, o transporte público é a principal reivindicação dos manifestantes.

Os entrevistados citaram três reivindicações que os levaram a protestar. A pergunta era “Quais são as reivindicações que levaram você a participar das manifestações?”. Na estatística em que os dados considerados foram apenas da primeira resposta, a pauta do transporte público ficou com 37,6%, quando considerado as três respostas dadas a pauta teve 53,7%. Foram ouvidas 2002 pessoas com 14 anos ou mais de forma espontânea, ou seja, não foram dadas alternativas para os entrevistados.

A esfera de circulação do cartaz de protesto é a cidadã, justamente por estar relacionada ao exercício de direitos políticos e sociais, sendo protestar um deles.

O conteúdo temático na perspectiva bakhtiniana vai além de “assunto principal”, trata-se de como se vê e se constrói os fatos da natureza e dos campos ideológicos. Certamente ele dialoga com a pauta colocada no cartaz, ou seja, a diminuição da tarifa de transporte e com a principal luta do MPL: a tarifa zero.

Assim, o conteúdo temático do cartaz escolhido é a redução do preço do transporte em São Paulo em sua materialidade histórica e concreta, juntamente com todo o ideário que perpassa o movimento e o contexto em que o discurso foi produzido.

Falar do ideário do Movimento Passe Livre é discutir a luta de um grupo descentralizado de pessoas que tem o transporte como estratégia para alcançar a grande meta que é a prática concreta da gestão popular, por meio tomada do espaço urbano e organização social. Segundo o próprio movimento, na obra *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* (2013, p.10), “a cidade é usada como arma

para sua própria retomada, sabendo que o bloqueio de um mero cruzamento compromete toda a circulação, a população lança contra si mesma o sistema de transporte caótico. Nesse processo, assumem as rédeas da organização do seu cotidiano”.

Tem-se com isso esclarecido o tema do cartaz e o papel social de quem produziu o discurso, aspecto fundamental para entendermos o efeito de sentido do cartaz. O lugar social do MPL é o de luta, de movimento popular político e apartidário, mas não anti-partidário.

Portanto, o conteúdo temático do cartaz de protesto dialoga com o paradigma materialista, principalmente no que se refere à: dificuldade do trabalhador em ter acesso à riqueza do espaço urbano, à sua condição de mera mercadoria, à exploração e superfaturamento do grande capital, ao transporte individual como fetiche e à consciência reificada.

O objetivo comunicativo do cartaz é ameaçar o poder público de São Paulo, é advertir que serão realizadas grandes manifestações que irão parar carros e pessoas. A condição para que isso não ocorra é de que seja negociado o “não” aumento da tarifa. O “se” tem várias funções na Língua Portuguesa, neste caso, ele assume a função de conjunção subordinativa condicional, o sentido de condição pode equivaler-se a “caso não”.

Relacionado diretamente com o objetivo comunicativo e ao conteúdo temático está a forma composicional do cartaz. Os verbos, ambos no infinitivo, “baixar” e “parar” dão a rima e o “tom” típicos de palavras de ordem ditas pela multidão. O verbo “parar”, neste caso, parar São Paulo, remete diretamente ao ideário do MPL que discute a mobilidade urbana a fim de tomar esses espaços que pertencem a todos e não apenas de quem tem poder aquisitivo para pagar passagens ou andar de carro. Parar São Paulo é uma maneira de colocar a administração do ir e vir da cidade nas mãos do povo, ou seja, trata-se de um ensaio para a prática da gestão popular.

O enunciado “Se a tarifa não baixar, São Paulo vai parar!” materializa o gênero discurso “cartaz de protesto”. Existe regularidade no gênero discursivo, trata-se de um típico cartaz de protesto, mensagem curta, objetiva e provocativa. O ponto de exclamação – próprio da estrutura desse gênero – torna o enunciado mais enfático, assim como o advérbio de negação “não”.

O cartaz é predominantemente argumentativo. Nele é defendido um ponto de vista, uma tese, a partir da relação de causa “se a tarifa não baixar” e de consequência “São Paulo vai parar!”.

Mesmo em textos curtos como os de cartazes de protesto é possível analisar o estilo de quem produziu o cartaz. É possível notar que o cartaz não pretende ser engraçado, intertextual ou ambíguo como outros que compuseram as jornadas de junho. Ele comunica uma pauta específica, histórica do MPL, faz isso de maneira objetiva e direta, visa advertir um interlocutor específico, faz escolhas lexicais propositadamente como o verbo “parar” que dialoga com a mobilidade urbana, tudo são marcas da autoria do texto.

Outro aspecto do estilo é a imagem que compõem o cartaz, um ônibus com a palavra “passelivre” dentro dele e que remete diretamente ao conteúdo composicional. A situação comunicativa é de protesto popular e o suporte de circulação do texto, ou seja, o local onde é feito o registro da comunicação é o tecido.

No que se refere à circulação social da comunicação, inicialmente ela se deu na marginal Pinheiros em São Paulo, oficialmente denominada SP-015 ou Via Professor Simão Faiguenboim. Ela liga a região de Interlagos à região do Complexo Viário Heróis de 1932, no acesso à Rodovia Castelo Branco. Em seguida, circulação social se deu via internet, no site do jornal “Folha de São Paulo”, em 10 de junho de 2013. Isso leva a crer que o cartaz de protesto ganhou grande visibilidade e foi lido por muitos sujeitos além do seu interlocutor – alvo.

Considerações finais

Inclusive em textos pequenos – como o cartaz que foi analisado neste artigo- é possível perceber o estilo, a estrutura e o conteúdo temático. Não se pretende esgotar o assunto aqui e muito menos dizer que a análise feita é a única possível. O objetivo é instigar possíveis leituras desse processo comunicacional contemporâneo e incentivar pesquisas futuras. O que se tem por agora é que mesmo a análise sendo breve, percebe-se que as comunicações refletem momentos históricos, políticos, sociais e, principalmente, ideologias.

A ideologia do Movimento Passe Livre: a tarifa zero, a redução da passagem e a luta por direitos sociais marcam o processo comunicacional analisado. A partir das reflexões sobre o paradigma materialista, é possível concluir que do ponto de vista econômico, a “tarifa zero” e a “diminuição da tarifa” até podem conviver com o capitalismo atual. Isso porque ele é ardiloso e adaptável aos diversos momentos históricos.

Com a tarifa zero e com a redução de automóveis na cidade, haveria diminuição de gastos com poluição, com doenças respiratórias, gastos com funcionários de trânsito e com cobradores de ônibus, contribuindo para o capitalismo de hoje.

No mundo em que o capital impera, em que tempo é dinheiro, trabalhador cansado e sem saúde por usar transporte ruim, é trabalhador que produz menos. Funcionários que sofrem acidentes de trânsito e precisam se internar em hospitais geram gastos para o empregador e para o estado. Paradoxalmente, tudo isso seria amenizado com a tarifa zero, ou seja, com transporte gratuito, público e de qualidade.

Porém, sabe-se que essas considerações beiram à utopia. Os empresários do transporte - que também são os grandes financiadores de campanhas eleitorais - têm interesse em manter o modelo de transporte atual e tudo leva a acreditarmos que isso não mudará tão cedo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARBOSA, Marialva. Matrizes, São Paulo, ano 5 – n. 2 jan./jun. 2012, p. 145-155. **O presente e o passado como processo comunicacional**.
- BETH, Hanno. e PROSS, Harry. **Introducción a la ciência de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1987.
- FARACO, Carlos. Alberto. **Linguagem & diálogo**. As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FUCHS, Christian; MOSCO, Vincent. Introduction: Marx is back – The importance of Marxist Theory and Research for Critical Communication Studies Today. **Triple C – Open Access Journal for a Global Sustainable Information Society**. V. 10, n. 2, 2012, p. 127-140.
- LUKÁCS, George. **Historia y consciência de classe**. México. Grijalbo, 1969.
- MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: São Paulo: Boitempo, 2007.
- MURDOCK, Graham. Comunicação Contemporânea e Questões de Classe. **Matrizes**. Ano 2, n. 2, p. 31-56, 2009.
- RICCI, Rudá; ARLEY, Patrick. **Nas ruas**: A outra política que emergiu em junho de 2013. Belo Horizonte: Letramento, 2014.

RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

MARICATO, Ermínia. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.